

“Ideologia não é ciência”: uma análise discursiva acerca da deslegitimação das Humanidades no Twitter

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3664>

João Vitor Moreira¹
Bruna Maria Atalla Pereira²

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar, à luz da Análise do Discurso de orientação francesa, estratégias argumentativas e recursos linguístico-discursivos que constituem tuítes cujo mote se caracteriza pelo enfrentamento às ciências humanas e aos objetos de estudo típicos da área. Trata-se de publicações obtidas via pesquisa por palavras-chave na ferramenta de busca da plataforma Twitter. Em seguida, as postagens foram ranqueadas e selecionadas a partir de um critério de engajamento – isto é, considerou-se, para a delimitação do *corpus*, o número de “curtidas”, compartilhamento e comentários recebidos em cada tuíte. Os resultados revelam regularidades na construção das postagens, como a identificação da ideia de ciência enquanto prática estritamente laboratorial e empírica, e, decorrente disso, a reafirmação de um ideal de objetividade científica que desqualifica pesquisas consideradas “subjetivas” ou “ideológicas”.

Palavras-chave: ciências humanas; subjetividade; discurso.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; joaovmoreira@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-8113-841X>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; bruna.atalla@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8113-841X>

“Ideology is not science”: a discursive analysis of the delegitimization of the Humanities on Twitter

Abstract

This paper utilizes French Discourse Analysis to examine the argumentative strategies and linguistic-discursive features present in tweets that challenge the human sciences and their related fields of study. Data were collected through keyword searches on Twitter, with tweets selected based on engagement metrics, including “likes”, shares, and comments. The findings reveal recurring patterns, particularly the framing of science as an exclusively laboratory-based and empirical practice. As a result, these tweets often reinforce the notion of scientific objectivity while dismissing research viewed as “subjective” or “ideological”.

Keywords: human sciences; subjectivity; discourse.

Introdução

Discursos de ataque às Humanidades ganharam ampla repercussão midiática nos últimos anos, especialmente instigados por políticas orçamentárias sancionadas na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro que, em diferentes ocasiões, manifestou-se publicamente em oposição ao investimento em áreas que constituem o campo das ciências humanas. Num tuíte³ divulgado em 26 de abril de 2019, Bolsonaro declara que Abraham Weintraub, então ministro da Educação de seu governo, estudava “descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas)”, pretendendo, com isso, “focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina”. Em outro tuíte, conectado ao primeiro via *thread*, complementa que a receita obtida pela arrecadação de impostos deveria ser respeitada e utilizada para ensinar aos jovens “a leitura, escrita e a fazer conta e depois um ofício que gere renda para a pessoa e bem-estar para a família, que melhore a sociedade em sua volta”⁴. Por meio de uma análise de conteúdo de 128.096 tuítes publicados ao longo de 2019 pelos jornais *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *O Globo*, Fontes e Marques (2022) apontam que, ao privilegiarem disputas e controvérsias ideológicas como escopo editorial, as mídias tradicionais tendem a abordar políticas públicas – como a distribuição de recursos entre áreas do conhecimento – apenas quando estas pressupõem polarizações. Responsáveis por mobilizar o interesse imediato de uma dada audiência, esses elementos impulsionam índices de engajamento dos perfis institucionais jornalísticos, o que, logicamente, traduz uma estratégia de ampliação de público e/ou captação de assinantes. De modo similar, no contexto britânico, Moran (2022) observa como a imprensa conservadora caracteriza

3 Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1121713534402990081>. Acesso: 14 jul. 2023.

4 Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1121713997156425729>. Acesso em: 14 jul. 2023.

uma suposta “guerra cultural” em torno das Humanidades, noticiando criticamente a emergência de uma geração de universitários sensíveis às questões identitárias e reféns de noções de militância introduzidas nos/pelos currículos acadêmicos.

Neste trabalho, propomo-nos a analisar o funcionamento discursivo de tuítes que, a exemplo dos dois há pouco citados, deslegitimam, no Brasil, as ciências humanas como campo de estudos e de produção de conhecimento científico. Baseando-nos na Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1969, 1990, 2009), que se constrói dando centralidade às relações entre o enunciado e os diferentes aspectos de ordem sócio-histórica que o constituem, articulada com contribuições teóricas de outras vertentes dos estudos discursivos (Authier-Revuz, 1990, 1998, 2004; Paveau, 2021), buscamos compreender quais estratégias são mobilizadas, nos tuítes, para a obtenção de impacto em um espaço organizado pela lógica algorítmica, cujos imperativos giram em torno da visibilidade e do engajamento.

Na próxima seção, realizamos uma revisão de literatura destinada a abordar relações de natureza discursiva que norteiam a interpretação do fenômeno presentemente discutido. Além disso, tematizamos as especificidades de produção e circulação de discursos no Twitter, plataforma na qual coletamos o material investigado. Informamos, posteriormente, os procedimentos metodológicos adotados para a coleta dos dados que compõem o *corpus*. Na seção destinada à análise, guiados pelos objetivos já mencionados, examinamos 4 (quatro) tuítes selecionados para este artigo. As considerações finais apresentam reflexões sobre as estratégias de construção argumentativa adotadas nos tuítes investigados, focalizando a maneira como os valores de objetividade científica são cooptados e reproduzidos de modo a rechaçar as ciências humanas.

O discurso em rede, na rede: fundamentação teórico-metodológica

Exploramos, nesta etapa, noções que, inscritas no quadro teórico aqui assumido, o da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), serão caras ao processo de interpretação conduzido mais adiante. Ao tratar do sujeito, Pêcheux (1969) não o entende como individual, empírico e fechado em si mesmo, mas como descentralizado (porque não está no centro do que diz) e heterogêneo (já que se constitui pela alteridade), formado por duas ilusões interdependentes: na primeira, tem-se o sujeito como origem do dizer, a fonte dos sentidos; e, sendo-o, há a segunda ilusão, em que se acredita que as palavras podem transparecer a realidade, não tocadas por posições ideológicas que, no entanto, são formadoras do próprio sujeito. Assim, sempre ideológico, o sujeito fala a partir de uma posição heterogênea, atravessada por vários dizeres e pelas relações de alteridade que, mesmo inconscientes, estão em sua constituição sócio-histórica. Na medida em que são invariavelmente ideológicas,

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 2009, p. 317).

Dentro dos postulados da ADF, a palavra não guarda significados intrínsecos, mas significa pela relação entre língua e história quando se associa às formações discursivas historicamente estabelecidas. Assim, o valor semântico de uma dada expressão não é extraído de uma definição dicionarizada e atemporal, mas pela memória discursiva que nos permite recuperar sentidos já inscritos em determinados termos quando enunciados em relação a outros (Orlandi, 2005, p. 33). Nessa perspectiva, os sentidos nunca estão prontos, definitivamente encerrados: no plano do discurso, o sujeito estabelece, inevitavelmente, uma relação com o já-dito, quer dizer, com todos os discursos previamente proferidos. Mesmo que inconscientes – já que, como antecipamos, não tratamos de um sujeito centralizado, com plena agência sobre o que fala –, essas operações retomam palavras e sentidos inscritos em outras formações discursivas, enunciados em outros tempos e espaços e que, num dado projeto de dizer, podem ser atualizadas, deslocadas, subvertidas etc.

Em movimento similar, mas dialogando com pressupostos teóricos dos estudos da enunciação, Authier-Revuz (1990, p. 28) assume a heterogeneidade como aspecto indissociável do discurso, na medida em que “sempre, sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso”. A partir dessa defesa, a autora opera uma distinção conceitual entre duas naturezas de heterogeneidade: a primeira, constitutiva, tem a ver com a necessária presença (ainda que não explicitamente mencionada) do outro no discurso, tendo em vista que, como já dito, todo discurso se constitui por relações interdiscursivas, que pressupõem o outro; a segunda natureza, a da heterogeneidade mostrada, diz respeito aos “diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Tais modos podem se dar de forma marcada ou não: serão mostrados e marcados quando houver, no fio do discurso, marcas que introduzam e explicitem a relação com o outro, como ocorre em citações diretas, aspeadas etc. Serão mostrados, mas não marcados, quando, apesar da ausência de marcas que indiciem a relação interdiscursiva, a presença do outro estiver implícita, embora detectável, como no discurso indireto livre, na alusão e no pastiche.

Baseando-se em fundamentos teóricos provenientes da ADF, Paveau (2012) defende a necessidade de consideração das condições de produção no ciberespaço durante o processo de análise de enunciados inscritos em gêneros digitais, como o próprio tuíte. Para a pesquisadora, a dimensão técnica de um enunciado materializado no digital não se limita ao suporte. Podemos pensar, por exemplo, que as relações discursivas estabelecidas no Twitter (e em outras mídias sociais) pressupõem a regulação de uma engrenagem algorítmica que determina o alcance de qualquer enunciado. A depender das métricas de relevância (curtidas e retuítes em tuítes alheios), das conexões (perfis seguidos) e das interações realizadas por um usuário, certos ditos são evidenciados a alguns invisibilizados a tantos outros que não se enquadram em um perfil pré-concebido e cotidianamente renovado pela máquina.

Além das regulações diretas impostas pelo Twitter (a restrição de caracteres por tuíte, o bloqueio de acesso devido às violações de termos concordados pelo indivíduo no momento de registro da conta, a identificação e remoção de informações enganosas, dentre outras), há coerções resultantes da própria lógica algorítmica que determina quais temas seriam mais ou menos oportunos de serem discutidos. O conteúdo disponível, o que é ou não digno de comentário, portanto, não são arbitrariedades: a plataforma determina a circulação de enunciados, seja situando-os em evidência na aba *Assuntos do Momento* – que geralmente reúne explosões de discursividades após ocorrências no cenário social e político –, seja fomentando a conexão entre perfis de preferências similares. Nesse sentido, torna-se possível encarar as “bolhas” não como produto de uma sociedade contemporânea pouco tolerante ao outro, conforme por vezes se acredita, mas como a própria condição de interação nas mídias sociais, que se estruturam fundamentalmente pela compartimentação ideológica dos usuários.

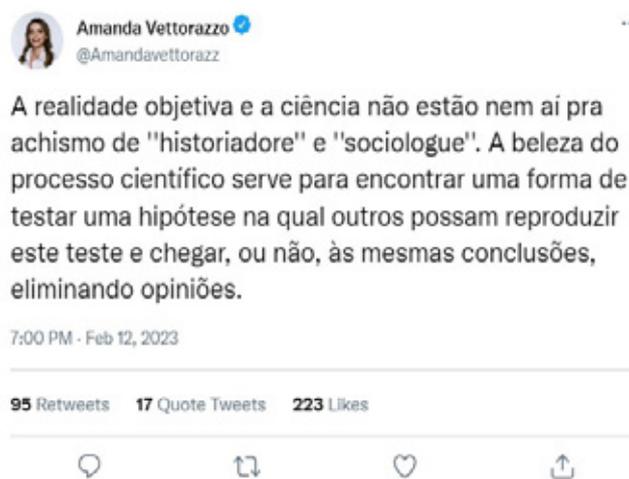
No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, cumpre dizer que a coleta do material se deu por meio do *software* MAXQDA que, dentre outras funções, possibilita uma apuração estatística dos índices de engajamento de postagens em mídias sociais. Posto que projetamos, para o *corpus*, apenas tuítes de alta repercussão, utilizamos a ferramenta em questão para filtrar e ranquear tuítes de acordo com o número de “curtidas”, compartilhamento e comentários recebidos por cada um.

De início, a fim de obter o conjunto significativo das postagens, recorreremos ao sistema de busca por palavras-chave. Foram inseridos os termos em língua portuguesa “ciência”, “ciências humanas”, “ideologia”, “financiamento” e “utilidade”, sem nenhuma especificação quanto à perfil ou data das publicações que a aplicação deveria filtrar. Obtivemos, assim, um total de 137 (cento e trinta e sete) postagens discriminadas conforme as métricas de engajamento já mencionadas. As postagens perfazem um total de 27.438 (vinte e sete mil quatrocentos e trinta e oito) caracteres, incluindo, além disso, recursos multimodais (imagens, vídeos e ideogramas) também considerados no exercício de análise.

Optamos por contemplar, neste trabalho, 4 (quatro) tuítes que ilustram estratégias de construção e movimentos enunciativos recorrentes no todo do *corpus* constituído. Além de comentá-los na próxima seção, tecemos breves considerações a respeito dos perfis responsáveis pelas publicações, já que, em alguns casos, tal dado se faz indispensável para a interpretação dos enunciados veiculados.

O enfrentamento às ciências humanas e a fantasia de um saber não ideológico

Figura 1. Tuíte do perfil de @Amandavettorazz



Fonte: dados da pesquisa

Autora da primeira postagem que elegemos como objeto de análise, Amanda Vettorazzo se apresenta, em sua página pessoal no Twitter (@Amandavettorazz)⁵, como católica e coordenadora do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo político neoliberal que obteve representatividade ao articular, em 2014, protestos contra o governo de Dilma Rousseff. Àquela altura, o MBL reivindicava, além do *impeachment* que afastou a ex-presidente, projetos neoliberais, como a chamada “PEC da Morte”, cujos termos propunham uma contenção dos gastos estatais com serviços públicos.

Não há indícios que possibilitem precisar se o enunciado responde diretamente a um evento factual e qual seria. As entradas do outro no discurso, entretanto, preenchem expressões como “realidade objetiva” e “achismo”, que negam epistemologias estabelecidas nas ciências humanas à medida que fazem ressonar ideais positivistas. Além disso, podemos caracterizar as ocorrências “historiadore” e “sociologue” como o que Authier-Revuz (1998, p. 53-54) denomina aspas de questionamento ofensivo ou

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/amandavettorazz>. Acesso em: 18 jul. 2023.

irônico, quando a inserção do sinal tipográfico expressa desacordo com os sentidos mobilizados, marcando a posição do enunciador diante de uma voz outra. Ao neutralizar, com a vogal -e, o gênero gramatical de termos relacionados às Humanidades, busca-se um efeito de sentido irônico pelo movimento de resgate, na memória discursiva, da associação entre ciências humanas e pautas identitárias, pretendendo desqualificar o conhecimento produzido no campo justamente pelo caráter politizado e politizante que assumem algumas pesquisas.

A palavra “beleza”, no enunciado seguinte, exprime um posicionamento valorativo daquele que fala diante da instituição comentada (a ciência). Dessa maneira, ao exaltar os procedimentos de testabilidade e reprodutibilidade típicos das ciências duras, o sujeito projeta uma vinculação que busca aproximá-lo de um lugar de verdade socialmente validado – o da ciência pretensamente objetiva, isenta de um observador passível de erros, o que, para Pêcheux (2009, p. 197-198), corresponde a um

[...] mito idealista, que identifica ciência e lógica e, ao colocar esta última como princípio de toda ciência, concebe inelutavelmente a prática científica como uma atividade de triagem entre enunciados verdadeiros e enunciados falsos, repelindo tudo o que diz respeito às condições próprias de aparição desses enunciados, isto é, às questões que lhes são correspondentes no interior de uma problemática historicamente determinada. [...] Na raiz dessa confusão está, finalmente, a ideia de que existe um discurso da ciência, isto é, um discurso do sujeito da ciência, cuja característica seria a de que esse sujeito está apagado nela, ‘presente por sua ausência’, exatamente como Deus sobre esta terra no discurso religioso!

Quando reproduz o mito de uma ciência sem sujeito, o enunciador situa seu posicionamento político contra as Humanidades (um posicionamento que, dito por ele, só pode ser percebido como ideológico) como polêmica científica, apagando-se e, conseqüentemente, apagando também a constituição política e contextualmente motivada de seu dizer. Sendo o embate uma das características das mídias sociais, é interessante como, no enunciado, o que se projeta não é o “eu” em oposição ao “outro”, já que, neste caso, duas ideologias divergem. Constatamos, como estratégia discursiva, a tentativa de revestimento do eu pela objetividade, de maneira a confrontá-lo com um outro – este sim ideologizado. Posto de outra forma, enquanto se simula uma fala a partir do lugar do método, da experimentação, representações estas que já gozam de validação no imaginário popular, reserva-se, ao outro, a impossibilidade de estar no verdadeiro, isto é, a opinião, o “achismo”.

Vejamos, adiante, a figura 2.

Figura 2. Tuíte do perfil @odiodobem



Fonte: dados da pesquisa

O tuíte acima, publicado pelo perfil de autoria anônima “Ódio do bem” (@odiodobem)⁶, traz a imagem de uma apresentação acadêmica realizada na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFBS) cuja temática, conforme o título sugere, discute o imbricamento entre raça e preconceito linguístico no Brasil. Para fins de contextualização, é preciso destacar algumas informações externas: o perfil em questão se particulariza por veicular, geralmente de modo sarcástico, críticas contra pautas sociais consideradas progressistas. O nome de exibição selecionado para o perfil, “Ódio do bem”, é reflexo dessa estratégia, já que associa dois termos de valor contraditório (“ódio” e “bem”) e um ícone *emoji* de arco-íris que simboliza a bandeira LGBTQIAP+.

O enunciado principal⁷ constrói uma dicotomia conflituosa ao situar, de um lado, a “ciência” (uma representação estrategicamente reducionista dela, que contempla apenas ditas ciências duras), e, de outro, as Humanidades que, tidas em oposição ao primeiro

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/odiodobem>. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁷ Cientes de que, no quadro teórico em que este estudo se inscreve, não há possibilidade de segmentação do enunciado, já que todas as partes integram o mesmo projeto de dizer, chamamos de “enunciado principal” o que, efetivamente, cabe ao autor do tuíte, sem, no entanto, desprezar as demais semioses presentes na materialidade do texto.

polo, o da legitimidade científica, são consideradas “ideologia/achologia”. Como resultado dessa polarização que nega, ao ideológico, o estatuto de ciência, há a supressão do termo “Ciências” no sintagma nominal “Ciências Humanas”, restando somente a elipse “Humanas”. É preciso pontuar, aqui, que a expressão “Humanas” encontra, no imaginário popular⁸, a figura do indivíduo desconhecedor, avesso ao método lógico, como nos indicia a expressão “Não sei, sou de Humanas...” e suas variantes, que circulam inscritas no gênero meme. Authier-Revuz (1998), ao descrever e categorizar os modos de retorno metaenunciativo, afirma que o ato de fixar sentidos (“Humanas não é ciência...”) pressupõe, via de regra, uma operação de eliminação de outros sentidos “susceptíveis de entrar neste segmento X do dizer”, já que

[...] ao “assumir o esforço” de especificar desta maneira o sentido de um elemento X, o enunciador dá testemunho da potencialidade de um sentido outro que ele “encontra”, não “na língua”, mas nas palavras aqui e agora, em contexto, e do qual deve proteger ativamente seu dizer (Authier-Revuz, 1998, p. 31).

Tal estratégia de exclusão de sentidos se sustenta pela caracterização das ciências humanas como ideológicas, e, aqui, o sentido de ideologia parece ecoar de um senso comum que compreende o termo “ideologia” como uma espécie de imposição de agenda político-partidária pelo falseamento de uma suposta realidade concreta. Nessa perspectiva restrita, enquanto a ciência que se pretende desautorizar é concebida como ideológica, a verdade objetiva (noutras palavras, não contaminada pelo olhar do sujeito) cabe à prova concreta obtida pelo método. Em “Ciência de verdade”, a locução adjetiva “de verdade” limita, mais uma vez, a compreensão de ciência às ciências naturais e exatas para, justamente pela delimitação do que é científico, invalidar tanto estudos de gênero (implicitamente ecoando discursos biologizantes sobre sexualidade) e estudos sociolinguísticos. Ancorado em uma concepção de língua pura, normativa e homogênea, o complemento direto “nossa língua” atua como uma generalização excludente. Ao se debruçar sobre padrões retóricos de atores da extrema-direita, Katsambekis (2016) destaca a recorrência da idealização do povo como um “sujeito coletivo exclusivo, unido por referências a uma origem étnica comum, linguagem, patrimônio e religião”. Essa generalização do sujeito como estratégia de exclusão do outro resulta, conforme indicam estudos sobre discurso populista (Pérez-Curiel; Rivas-de-Roca; García-Gordillo, 2021; Rivas-de-Roca; Pérez-Curiel; García-Gordillo, 2022), da ideia de que o posicionamento pessoal em nome de um bem comum é frequentemente utilizado para “legitimar certas posições reacionárias” por meio da exaltação de uma “sensatez” esperada à nação.

8 A filial brasileira do BuzzFeed, portal bastante popular pelo conteúdo voltado ao entretenimento, publicou, em 2015, um compilado de memes com a temática “não sei, sou de Humanas”. A lista funciona como exemplo do interdiscurso que apontamos e se encontra disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/18casos-graves-de-nao-sei-sou-de-humanas>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Por fim, o enunciado se vale da expressão idiomática “em bom português”, frequentemente utilizada para anunciar ou retomar algo com certa pretensão de clareza, subvertendo-a pela apropriação do neologismo “Pretuguês”. Esse efeito de ironia se estende, também, para a construção “Ciença dus Manos”, que mobiliza propositalmente inconsistências gramaticais a fim de desqualificar as ciências humanas pela ideia de ignorância. É possível interpretar que tal ironia se volta, ainda, às categorias de classe e raça, posto que, em canais midiáticos tipicamente reacionários, o substantivo “manos” foi empregado a fim de marginalizar pessoas de pele preta (vide, por exemplo, a expressão “direitos dos manos”, que desloca os sentidos acionados pelo termo “direitos humanos”, movimento similar ao que interpreto ocorrer no enunciado).

Passemos, agora, ao terceiro tuíte.

Figura 3. Tuíte do perfil @sensoinc



Fonte: dados da pesquisa

Tal qual o exemplo anterior, “Senso Incomum” (@sensoinc)⁹, responsável pelo tuíte exibido na figura 3, também publica em anonimato. No campo reservado à apresentação de usuário, este perfil, que possui um número significativo de seguidores (cerca de 284 mil)¹⁰, informa: “cultura contra a corrente. Nós estamos certos. Se você discorda, você está errado. Aposentados da política pós-ditad***. Em breve de volta ao ar”. O conteúdo postado tem explícita orientação reacionária e reivindica, de diferentes maneiras, um lugar de verdade (“Nós estamos certos...”) e de confronto ao que apontam como consensual – em geral, discursos ditos “politicamente corretos”. Destaquemos, também, que a palavra “ditadura” aparece censurada por asteriscos, talvez por se tratar de um termo polêmico, facilmente detectado pelo filtro de conteúdo sensível do Twitter que, não raras vezes, aplica punições em páginas que violam as políticas de acesso vigentes na plataforma.

Além da ausência de informações biográficas acerca da autoria das postagens, várias delas, como a que se encontra em análise, recorrem à reprodução de memes como estratégia para obtenção de visualizações. Discutiremos, primeiramente, o comentário que traz o tuíte para, em seguida, relacioná-lo ao meme, que prevê a consideração de outras semioses.

No tuíte, o enunciado principal circunscreve uma série de significados para a palavra polissêmica “gênero”, restringindo-a ao domínio das produções audiovisuais (“suspense, romance, ação, comédia”). Pela chancela de alguns sentidos – e, portanto, pela desconsideração de outros, relacionados ao universo da experiência identitária e da sexualidade –, obtém-se, como efeito, o próprio apagamento, pela língua e na própria língua, de discursos que repensam os papéis sociais de gênero. Esses mesmos discursos aparecem satirizados no enunciado posterior (“O resto é novilíngua inventada em Federal”), não mencionados com explicitude e, no entanto, referidos como “novilíngua” em alusão ao amálgama (novidade + língua) presente no romance distópico *1984*, de George Orwell.

Na obra em questão, a novilíngua, uma espécie de “nova” língua, é imposta por regime autoritário que pretendia, pelo controle do que e de como dizer, controlar o pensamento da sociedade fictícia, impossibilitando, assim, o surgimento de ideais revolucionários. O enunciado desloca essa construção de sentido ao preencher o lugar de autoritarismo com a ideia de uma universidade pública que produziria, à semelhança da ficção, uma língua de distorção da realidade (“O resto é novilíngua inventada em Federal”).

O meme incorporado no tuíte recupera o enunciado “A ciência venceu o negacionismo”, que nos remete, por sua vez, ao momento em que as primeiras políticas de vacinação

9 Disponível em: <https://twitter.com/sensoinc>. Acesso em: 18 jul. 2023.

10 Não se trata, este número, de uma correspondência direta à quantidade de usuários únicos que seguem o perfil, tendo em vista o tráfego de *fakes*, *bots* e outros mecanismos populares de inflação de seguidores.⁹ Disponível em: <https://twitter.com/sensoinc>. Acesso em: 18 jul. 2023.

foram efetivadas em território nacional após a postura anticientífica assumida por Jair Bolsonaro, então presidente em exercício, no combate à pandemia de COVID-19. À época, diversas figuras públicas associadas à esquerda se manifestaram com menções ao enunciado, o que, sem dúvidas, contribuiu para redimensioná-lo na memória social. No meme, a reprodução desse dito é personalizada na figura de uma mulher de óculos e cabelos em corte curto, que veste uma camisa vermelha e se apresenta com olhos arregalados em expressão inusitada, à frente de uma multidão de outras pessoas. Juntos, tais elementos remetem ao estereótipo jovem politicamente engajado, excluído de padrões estéticos heteronormativos, comumente pensado como um militante oriundo das universidades que, na materialidade visual, aparece em um lugar de depreciação evidenciado pela indagação da segunda tira: “Então agora você vai ouvir a ciência e parar com essa história de ideologia de gênero?”, introduz a legenda simuladamente vozeada pelo homem cientista, que se encontra ambientado em um laboratório. A construção de cena é, também, a construção de um lugar de verdade e, por consequência, de um lugar fora do verdadeiro.

A materialidade verbal, que atua, junto da dimensão visual, na construção de sentidos promovida pelo meme, limita a compreensão de ciência àquelas voltadas à observação sistemática, experimentos e reprodutibilidade, estratégia também verificada no tuíte trazido pela figura 2. Mais uma vez apresentados como “ideologia de gênero”, termo cooptado por discursos de enfrentamento reacionário, os estudos de gênero, que se debruçam sobre identidade, sexualidade e performances sociais, são postos em confronto com a ideia implícita de sexo biológico, cuja representação surge, no plano material do enunciado, como a própria ciência.

Em outra camada de análise, o meme resgata, na História recente, um ponto de ampla confluência de bandeiras progressistas com as práticas científicas – o período das primeiras campanhas de vacinação contra COVID-19 – para, posteriormente, mobilizando recursos de ironia, supor uma incompatibilidade entre o que tais grupos reconheceram como científico em resposta ao negacionismo e os discursos supostamente anticientíficos sobre gênero adotados pelos próprios em demais contextos.

Abaixo disponível, a figura 4 traz o último tuíte selecionado para análise.

Figura 4. Tuíte do perfil @escolasempartid



Fonte: dados da pesquisa

A publicação deste tuíte se deu pelo perfil “Escola sem Partido” (@escolasempartid)¹¹, cuja apresentação biográfica informa se tratar de “conta administrada pelo advogado Miguel Nagib”. No portal de apresentação do movimento, também assinado por Miguel Nagib, consta a alegação de que o Escola sem Partido “foi criado para dar visibilidade a um problema gravíssimo que atinge a imensa maioria das escolas e universidades brasileiras: a instrumentalização do ensino para fins ideológicos, políticos e partidários”. Podemos, desde já, rastrear paralelos com as ocorrências verificadas nas análises anteriores, sobretudo no que diz respeito às pretensões de neutralidade ideológica e a descredibilização de figuras relacionadas ao campo da educação.

O tuíte incorpora, no formato de imagem, pesquisa divulgada pelo Datafolha durante o pleito eleitoral de 2022. No estudo em questão, os dados sociodemográficos apresentados sugerem a predileção de certos perfis (“mulheres, jovens e pretos”) por candidatos alinhados à esquerda. O enunciado principal não dialoga com a voz externa por discordância, como vimos nas figuras 2 e 3, mas se apropria dos dados anunciados para injetar, neles, um sentido de causa e efeito baseado no que se convencionou, em núcleos de extrema-direita, como marxismo cultural, ideia conspiratória que alega haver, em países ocidentais, uma espécie de homogenia intelectual derivada do suposto domínio do pensamento marxista em instituições de ensino e pesquisa.

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/escolasempartid>. Acesso em: 18 jul. 2023.

A retomada desse discurso se dá por uma série de silêncios e deslocamento de sentidos, para as quais oferecemos hipóteses de leitura. A década de 80, por exemplo, é assumida como causalidade do aparelhamento ideológico que se denuncia, o que nos permite supor que se trata de uma referência implícita ao processo de redemocratização nacional, quando partidos de esquerda e centro-esquerda, anteriormente reprimidos, (re)conquistaram representatividade política oficial e as universidades puderam, paulatinamente, reivindicar alguma autonomia¹².

A partir da representação de História como uma disciplina baseada em relatar o real, ecoam, no enunciado, marcas de uma lógica positiva. Essas marcas estão presentes na construção de sentidos que encontram, fora do contexto pedagógico, expressões entendidas pejorativamente (formação de professores = “formar doutrinador”/ensinar = “enfiar narrativa”). Outro aspecto digno de reflexão é o movimento de apelo ao senso comum: em dois diferentes momentos, o enunciado se vale do estereótipo de uma juventude destituída de qualquer senso crítico (“Não é coincidência que os jovens sejam maioria na massa de manobra”), alienada, fadada a reproduzir o que ouve (“[...] enfiar narrativa na cabeça de aluno”).

Considerações finais

Em um contexto político fortemente marcado pela desvalorização da ciência e por ideais científicos tecnocráticos, as Humanidades sofrem, nas redes sociais, críticas de variadas naturezas, muitas das quais pretendem descredibilizá-las por uma aparente recusa à dita “neutralidade ideológica” presumida ao fazer científico ou pela suposta ausência de um “potencial de impacto” dos resultados obtidos por pesquisadores do campo.

As análises revelam que, preservadas as singularidades dos enunciados, os quatro tuítes analisados procuram não apenas defender o lugar de uma ciência legítima, mas cooptar efeitos de verdade que emanam dessa representação. Tal associação é construída quando, conforme verificado nos exemplos, posicionamentos discursivos (como o enfrentamento à transgeneridade) são assumidos como não ideológicos pelo pretenso alinhamento com um ideal científico de objetividade que classificaria, por exemplo, pautas identitárias como pseudocientíficas.

Nesse sentido, cabe recordar que as mídias sociais são, também, arenas de conflitos ideológicos, e não é incomum que se flagre, nas interações entre usuários, marcas explícitas de subjetividade que indiciam a posição do sujeito que fala. Em movimentos

12 “Será oportuno lembrar que tanto a reorganização do movimento estudantil, como a de outros grupos da sociedade civil, só irá se efetivar no final dos anos 70, com a abertura política e a promulgação da Lei da Anistia. Nas universidades públicas, após esta Lei se processa o retorno de vários professores afastados, compulsoriamente, após o AI-5” (Martins, 2000, p. 19).

contrários, os enunciados aqui examinados promovem um apagamento da constituição intersubjetiva do discurso, construindo a ilusão de que o sujeito fala a partir de um lugar de verdade irrefutável (isto é, o “eu” mascarado como instituição-ciência) contra uma subjetividade ideológica (as pautas identitárias, o partidarismo) e, portanto, falsa.

Agradecimentos

Agradecemos a Manoel Corrêa pelas valiosas contribuições e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa (processo 2023/07165-7) que resultou neste artigo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, dez. 1990.

FONTES, G. S.; MARQUES, F. P. J. Defending democracy or amplifying populism? Journalistic coverage, Twitter, and users' engagement in Bolsonaro's Brazil. *Journalism*, v. 23, n. 3, mar. 2022.

KATSAMBEKIS, G. The Populist Surge in Post-Democratic Times: Theoretical and Political Challenges. *The Political Quarterly*, [S. l.], v. 87, n. 3, p. 353-361, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-923X.12317>. Acesso em: 29 out. 2024.

MARTINS, C. B. O ensino superior brasileiro nos anos 90. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 12, mar. 2000.

MORAN, J. The Humanities and the University: A Brief History of the Present Crisis. *Critical Quarterly*, Londres, v. 64, n. 3, 2022.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes, 2021.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso* (1969). In: GADET F.; HAK, T. (org.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÉREZ-CURIEL, C.; RIVAS-DE-ROCA, R.; GARCÍA-GORDILLO, M. Impact of Trump's digital rhetoric on the US elections: a view from worldwide far-right populism. *Social Sciences*, v. 10, n. 5, 2021.

RIVAS-DE-ROCA, R.; PÉREZ-CURIEL, C.; GARCÍA-GORDILLO, M. Building extreme right discourses on Twitter for non-campaign periods: insights from populist leaders across Europe. *Observatorio*, v. 16, n. 4, 2022.